

EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NO CANDOMBLÉ E SUAS REVERBERAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA

Nilma Margarida Castro Crusoé¹
Cecília Conceição Moreira Soares²

Recebido em: 10/08/2016 - Alterações recebidas em: 30/09/2016 - Aceito em: 09/12/2016

Resumo: O presente trabalho visa apresentar resultado de pesquisa sobre a experiência educativa no candomblé e suas reverberações na prática educativa escolar tomando como referência o conceito de experiência na Fenomenologia das relações sociais, em Schultz. Foi desenvolvido estudo exploratório, no Terreiro Ilê Axé Maroketu, localizado na cidade de Salvador - BA. Para tal, foi realizada uma entrevista com um membro do espaço religioso, professora da educação básica. Os resultados apontaram que princípios educativos do candomblé, tais como paciência, saber escutar e respeito às hierarquias, podem reverberar no espaço educativo formal.

Palavras- Chave: Candomblé. Cotidiano. Experiência. Prática Educativa.

EDUCATIONAL EXPERIENCE IN CANDOMBLÉ AND ITS REVERBERATIONS IN SCHOOL ROUTINE

Abstract: This paper aims to present results of research on educational experience in Candomblé and its reverberations in school educational practice by reference to the concept of experience in Phenomenology of social relations, in Schultz. An exploratory study was developed in Ilê Axé Maroketu House, located in the city of Salvador – BA. To reach that goal, an interview with a member of religious space, teacher of basic education has been held. The results showed that educational principles of Candomblé, such as patience, listening skills and respect for hierarchies, can reverberate in formal educational space.

Key-words: Candomblé. Daily. Experience. Educational practice.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo apresentar resultado de pesquisa sobre a prática educativa desenvolvida em um espaço não formal de educação, o Terreiro de candomblé e suas reverberações no espaço formal de educação, a escola de educação básica. O interesse por essa temática parte da inserção como praticante da religião candomblé e professora. Muitos são os caminhos que levam à inserção na religião de matriz africana, quase sempre os motivos são os infortúnios, a manifestação da doença e mal estares que podem até refletir os conflitos sociais inerentes ao lugar da pessoa na sociedade. É comum no âmbito religioso das comunidades-terreiros a expressão de que se busca o Orixá movido pela “dor”. Esta pode ser meramente física, em resposta a uma espiritualidade manifesta e ainda não merecedora da atenção e rituais próprios, tendo como finalidade educar a pessoa e ensiná-la o diálogo e

¹ Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: nilcruso@uol.com.br

² Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: ceciliasoares@yahoo.com.br

comportamentos que auxiliarão na relação estreita, entre esta e as divindades. Ou ainda, transtornos emocionais, acontecimentos que evidenciam sucessivas perdas materiais e outros traumas.

Para uma das autoras deste artigo, a trajetória particular foi marcada dentro deste raciocínio pela “dor” e não pela escolha, embora esse não seja o caminho de todos, muitos nascem na religião e aceitam a religião, identificando-se com a filosofia e prática religiosa. Outros são conduzidos a partir de estímulos de alguém já integrado em ambiente religioso e outros farão escolhas muito pessoais. O certo é que o chamado religioso é interpretado a partir de várias situações e sugestões que justificarão a sensibilidade religiosa e o entendimento de que suas vidas não poderão mais serem conduzidas fora da estreita relação com as divindades afro - brasileiras. As dores que reclamava, eram dores não físicas, traduzidas em emoções, na ausência de estratégias para enfrentar problemas no cotidiano, habilitar-se para as disputas que fazem parte do processo de consolidação de papéis sociais e na profissão; o equilíbrio, persistência e prudência nas ações que iriam reverberar na vida afetiva e profissional e, na relação com os outros.

Com isso, em 2014, começamos a esboçar o projeto de pesquisa intitulado “A prática educativa como prática social e cultural”, cadastrado no CNPq, que pretende analisar a prática educativa como prática social e cultural, com o intuito de compreender crenças e os valores que permeiam tal prática, em espaços formais e não formais de educação. A relevância de uma pesquisa que se debruça sobre a perspectiva social e cultural da prática educativa, em espaços formais e não formais de educação, consiste, na possibilidade consolidar e ampliar o campo de estudo em práticas educativas e oferecer subsídios para pensar práticas educativas voltadas para a o tema da diversidade, em diferentes espaços educativos. E assim, começamos a desenvolver um “olhar em lupa” na tentativa de observar se os irmãos, como nos chamamos no Terreiro, também, professores, implicavam-se da mesma forma que nós, no que se refere à utilização de princípios educativos do candomblé na sua prática educativa.

Ainda de forma assistemática e com base em conversas informais, no ambiente religioso, percebemos que elementos da prática educativa, também, reverberavam em outras esferas da vida dos irmãos, tal como a escola. Percebemos, nesse contexto, que as esferas, religiosa e profissional, não se separam e mais ainda, que o currículo escolar, numa perspectiva artesanal, incorpora culturas, saberes, experiências de vida, com vistas a construção de novos cenários sociais numa dinamicidade tal, que permite a criação/recriação e a ampliação de saberes e práticas educativas. Adotamos o termo culturas por entendermos, assim como Geertz (1989), que não existe uma forma particular de cultura nem um ser humano universalista, mas seres humanos que foram se constituindo nas interações culturais. Nessa perspectiva, não faz sentido falar em cultura educacional, no caso dos espaços formais de educação, de forma modelar, ainda que as políticas educacionais tenham um caráter universal e alguns espaços educativos sejam permeados pelos saberes da tradição. Os espaços educativos, nessa perspectiva, são campos de significações produzidas por sentidos construídos na e pela relação entre os seres humanos. Concebemos a prática educativa como uma ação dotada de sentido, portadora de valores e crenças, compartilhadas pelos sujeitos na e pela interação social. Consideramos o dizer dos educadores, de um modo geral, sobre a prática educativa que realizam, como um discurso, um enunciado com sentido demarcado pelo espaço/tempo em que se situam permitindo a criação de vínculos de sentido.

Ao esboçar o projeto começamos a rascunhar um formato teórico metodológico que me permitisse à realização da pesquisa, ou seja, o desenvolvimento do “olhar em lupa” tarefa não muito fácil para quem é nativo. Estranhar o fenômeno é o primeiro passo metodológico de qualquer pesquisa científica. Para estranhar o objeto de estudo dessa pesquisa que são as experiências educativas no candomblé e suas reverberações no espaço de educação formal, nos propusemos a investigá-lo apoiada na fenomenologia das relações sociais. Buscamos em

Schultz (2012), a possibilidade de conhecer o sentido da experiência no candomblé e suas reverberações no espaço escolar, ao investigar a consciência do outro/professora da educação básica, experiências do ser humano consciente que age e vive em um mundo que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele.

Na fenomenologia da vida cotidiana, as pessoas se situam na vida com suas angústias e preocupações, em intersubjetividade com seus semelhantes e isso constitui a existência social. O espaço e o tempo são a vida presente e a relação face a face. Existe um mundo, as pessoas tem uma atitude natural diante desse mundo, aceitando-o, sem questionar as coisas e os acontecimentos, como estruturas significativas que atribuem sentidos à sua existência. O papel do pesquisador, nessa perspectiva, é pensar a relação sujeito/objeto que se estabelece entre o pesquisador e o fenômeno, o informante e o fenômeno. O primeiro passo metodológico consiste em levar o informante a olhar para o objeto/fenômeno de forma reflexiva, o que consiste em pensar sobre a sua experiência, debruçar-se sobre os atos subjetivos dela. O que vai aparecer, após essa reflexão, é o objeto intencionado, a ideia que o informante possui dele. Ao ser revelada a intencionalidade da consciência, deve-se colocá-la fora do fluxo da vida e entrar para o fluxo da experiência, da consciência de algo, cujo espaço e tempo não correspondem ao espaço tempo da realidade. (SCHUTZ, 2012)

O conhecimento, fruto desse processo, se constitui no encontro do sujeito com uma realidade, espaço/temporal, descontinua. Os sujeitos, informante e pesquisador, movimentam-se em direção à realidade, porque sabe que as coisas existem fora dela e desse encontro, entre a consciência e a coisa, nasce o fenômeno. Cada fenômeno é um sistema de significados, o que permite pensar o fenômeno educação como sistema de significação. Não existe, objeto que não esteja comprometido com o sujeito. Entre o sujeito e o objeto há a intencionalidade, uma consciência voltada para o objeto. O Sujeito é uma consciência que apreende a realidade e os fenômenos são fragmentos de realidade, apreendidos pelo sujeito.

Com base nesses princípios metodológicos, propusemos a investigação de práticas educativas no candomblé e suas reverberações no espaço de educação formal, por acreditarmos que os ensinamentos que são aprendidos no candomblé servem não apenas para o terreiro, mas para a vida em sociedade. É o campo de significação, que interessa nesta pesquisa, a possibilidade de compreender, via sentido, quais e de que forma experiências educativas, vivenciadas em um campo empírico, cuja estrutura mitológica fundamenta os rituais e direciona a conduta dos fieis, reverberarem na educação formal. Achamos pertinente expor a hierarquização dos cargos no parágrafo abaixo, que fará considerações sobre o candomblé, porque a escolha do sujeito de pesquisa levou em consideração a atuação profissional e o cargo ocupado no terreiro, por entendermos que o acesso a determinados ensinamentos, no candomblé, obedece a uma hierarquia, com base no cargo que ocupa, haja vista a escolha de uma professora da educação básica com *cargo*, ou seja, com um lugar de destaque na estrutura litúrgica religiosa, no terreiro. Foi realizada então, uma entrevista semi-estruturada, com uma professora da educação básica³ (2016), membro da comunidade de Terreiro Ilê Axé Maroketu (que significa: “casa onde Ogum pisou”), de nação Ketu, localizado no bairro Cosme de Farias, Salvador, Bahia, que ocupa o cargo de Ebomi⁴ na comunidade-

³ Optou-se por não usar o nome de professora da educação básica no intuito de preservar a sua identidade;

⁴ A professora da educação básica, sujeito da pesquisa, ocupa o cargo de Ebômi na comunidade Ilê Axé Maroketu, possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL), é Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e cursa Direito na Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Cargo religioso na hierarquia do Candomblé de Ketu com base nos anos da iniciação ritualística. Ou seja, aqueles (as) que já tenham ultrapassado os 7 anos de iniciação e realizado os votos de renovação religiosa, poderá iniciar outras pessoas, assumindo a direção

Terreiro⁵. A escolha dessa informante/colaboradora se deve ao fato de preencher as condições necessárias e suficientes para a apreensão de quais elementos da prática educativa no candomblé atravessam as fronteiras do Terreiro e reverberam na prática educativa escolar: ser professora na educação básica e praticante da religião Candomblé há mais de 10 (dez) anos e mais ainda, por ser uma religião voltada para o trabalho com o indivíduo. (PRANDI, 1997)

Para analisar os dados utilizamos a Análise de Conteúdo praticada por Bardin (1977), procuramos aproveitar as falas na sua inteireza, com parágrafos longos, para uma maior aproximação do campo empírico.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA NO TERREIRO ILÊ AXÉ MAROKETU

Segundo Prandi (1997) as religiões negras, como o caso do candomblé, ganham espaço no Brasil, em termos de organização, no final do século IX por conta do final da escravidão, momento em que os negros começam a socializar-se com outros negros, o que favoreceu a organização dos cultos.

De acordo com Prandi

o termo candomblé designe vários ritos com diferentes ênfases culturais, aos quais os seguidores dão o nome de "nações" (Lima, 1984). Basicamente, as culturas africanas que foram as principais fontes culturais para as atuais "nações" de candomblé vieram da área cultural banto (onde hoje estão os países da Angola, Congo, Gabão, Zaire e Moçambique) e da região sudanesa do Golfo da Guiné, que contribuiu com os iorubás e os ewê-fons, circunscritos aos atuais território da Nigéria e Benin. Mas estas origens na verdade se interpenetram tanto no Brasil como na origem africana. Na chamada "nação" queto, na Bahia, predominam os orixás e ritos de iniciação de origem iorubá. [...] O candomblé queto tem tido grande influência sobre outras "nações", que têm incorporado muitas de suas prática rituais. Sua língua ritual deriva do iorubá, mas o significado das palavras em grande parte se perdeu através do tempo, sendo hoje muito difícil traduzir os versos das cantigas sagradas e impossível manter conversação na língua do candomblé. (1997, s/p),

O candomblé é uma religião que se estrutura no culto dos orixás, deuses oriundos do panteão africano e somam-se a divindades originadas no universo mítico-religioso do Brasil. É importante destacar que no Brasil, o candomblé descola-se da sua raiz africana e de um culto estrito a negros e mulatos, passa, a partir dos Anos de 1960, a absorver uma população não africana (PRANDI, 1997).

No candomblé

o iniciado não tem que internalizar valores diferentes daqueles do mundo em que ele vive. Ele aprende os ritos que tornam a vida neste mundo mais fácil e segura, mundo pleno de possibilidades de bem-estar e prazer. O seguidor do candomblé propicia os deuses na constante procura do melhor equilíbrio possível (ainda que

de outro barracão ou caso permaneça na mesma casa, assumirá funções específicas como mãe pequena ou organização de rituais. (Fonte oral: colhida em campo, junto a informante);

⁵ Para designar o espaço onde se celebram os rituais afro-brasileiros, utilizam-se as expressões Terreiro, Comunidade Terreiro e Roça (uma alusão aos locais em que estavam inseridos no contexto da urbanidade).

temporário) entre aquilo que ele é e tem e aquilo que ele gostaria de ser e ter. [...]. O candomblé se preocupa sobretudo com aspectos muito concretos da vida: doença, dor, desemprego, deslealdade, falta de dinheiro, comida e abrigo — mas sempre tratando dos problemas caso a caso, indivíduo a indivíduo, pois não se trabalha aqui com a noção de interesses coletivos, mas sempre com a de destino individual. (PRANDI, 1997, s/p)

Talvez essa aproximação com o mundo em que se vive, justifique, também, a procura de profissionais da educação por esta religião, pois as experiências como pesquisadora do cotidiano da educação formal, do seu dia a dia, e professoras da universidade brasileira têm demonstrado que esse espaço constituiu-se, também, como um lócus que adoce e precariza, via remuneração e outros questões de ordem ética, como a deslealdade, o que produz o desencantamento do mundo e nos fragiliza diante dele. O fato de trabalhar o destino individual de cada adepto, no enfretamento do mundo, justifica a quantidade necessária e suficiente de uma entrevistada para dizer suas motivações pessoais para entrar na religião e como a religião entra na sua vida de professora.

Nesse cenário, o professor desencanta-se com a profissão, sua auto-estima docente tende a esvaír-se e

o candomblé ensina, sobretudo, que antes de se louvarem os deuses, é imperativo louvar a própria cabeça; ninguém terá um deus forte se não estiver bem consigo mesmo, como ensina o dito tantas vezes repetidos nos candomblés: "Ori buruku kossi orixá", ou "Cabeça ruim não tem orixá". Para os que se convertem, isso faz uma grande diferença em termos de auto-estima (PRANDI, 1997, s/n).

A hierarquia no Egbé (barracão) é fundamentada no tempo de iniciação no culto, sua organização compreende estratos hierárquicos: **Iyalorixá / Babalorixá**: Mãe ou Pai de Santo. É o posto mais elevado na religião de matriz africana; **Iyaegbé / Babaegbé**: É a segunda pessoa do axé. Conselheira, responsável pela manutenção da Ordem, Tradição e Hierarquia; **Iyalaxé**: Mãe do axé, a que distribui o axé; **Iyakekere Babakekere**: Mãe / Pai pequeno do axé ou da comunidade. Sempre pronta a ajudar e ensinar a todos iniciados; **Ojubonã**: É a mãe criadeira; **Iyamoro**: responsável pelo Ipadê de Exú; **Iyaefun / Babaefun**: responsável pela pintura branca das Iyawos; **Iyadagan**: auxilia a Iyamoro; **Iyabassê**: responsável no preparo dos alimentos sagrados; **Iyarubá**: carrega a esteira para o iniciando; **Aiyaba Ewe**: responsável em determinados atos e obrigações de "cantar folhas"; **Aiybá**: Bate o ejé nas obrigações; **Ològun**: Cargo masculino. Despacha os Ebós das obrigações, preferencialmente os filhos de Ogun, depois Odé e Obaluwaiyê; **Oloya**: Cargo feminino. Despacha os ebós das obrigações, na falta de Ològun. São filhas de Oya; **Iyalabaké**: responsável pela alimentação do iniciado, enquanto o mesmo se encontrar recolhido; **Iyatojuomó**: responsável pelas crianças do Axé; **Babalossayn**: responsável pela colheita das folhas. **Kosí Ewé, Kosí Orixá, Pejigan**: responsável pelos axés da casa, do terreiro. Primeiro Ogan na hierarquia; **Axogun**: responsável pelos sacrifícios. Trabalha em conjunto com Iyalorixá / Babalorixá, iniciados e Ogans. Não pode errar; **Alagbê**: responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos.⁶

Se tomarmos como ponto de partida a chegada dos responsáveis pelo culto das religiões de matriz africana no Brasil com o processo de escravização, há de convir que em um processo de longa duração muitos outros cargos hierárquicos ou foram suprimidos ou amalgamados a outros, sendo estes, na atualidade os que melhor representam o estrato hierárquico do candomblé.

⁶ Orixás; disponível em: <http://www.institutobuzios.org.br/documentos/ORIX%C1S%20DO%20CANDOMBL%C9.pdf>
ISSN: 1983-1579 397
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>
DOI: 10.15687/rec.v9i3.30104

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu Art.1º (BRASIL, 1996, p.1), “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. No caso do Ilê Axé Maroketu, trata-se de uma organização da sociedade civil religiosa, Sociedade beneficente São Lázaro.

O Terreiro Ilê Axé Maroketu- Terreiro do Bonocô foi fundado em 1943, por Cecília Moreira de Brito, no local outrora denominado Quinta das Beatas, hoje bairro de Cosme de Farias, na Ladeira do Bonocô, atual Rua Antonio Viana, 65 na cidade do Salvador da Bahia.

Cecilia Brito, Mãe Cecilia do Bonocô, Cecilia de Obaluaê, sempre lembrada como “**Cecília da Liberdade**”, por ter durante muitos anos resido no bairro da Liberdade, tornou-se conhecida pelos dons da **arte de olhar** presente, passado e futuro através do copo d’água. Mãe Cecília foi iniciada no Candomblé de nação Ketu, pela Ialorixá Damiana Oxafalaqué, e consagrada ao orixá Obaluaê. Conhecidora dos mistérios e das trajetórias de Sapatá, Xaponã, Azoane, Obaluaê em muitos territórios da longínqua África e dos fundamentos que alicerçaram sua iniciação e culto envolvendo a liturgia jeje mahim, declarava-se filha legítima do Vodum Azoane. O seu Decá foi entregue pelo Babalorixá Procópio de Ogunjá.

Cecília do Bonocô cultivou laços religiosos com várias Yalorixás, Babalorixás e terreiros de Salvador, baía de Todos os Santos e Recôncavo, a posição de **Olhadeira** e a força do Axé do seu Orixá Obaluaê, tornaram-na respeitada e admirada por todos pela simplicidade e acolhida espiritual. A fundação e liturgia do Terreiro contaram com notórios representantes da família de santo na Bahia, como Mãe Caetana Bamboxê, Mãe Irene Bamboxê, Eduardo Ijexá, Bandanguame do Bate Folhas, dentre outros.

Após o falecimento de Mãe ‘Cecília do Bonocô’, assumiram as funções e direção do Terreiro: Babalorixá Manoel Cerqueira de Amorim (Pai Nezinho do Portão- Muritiba), e as filhas biológicas de Mãe Cecilia: Jocelina Santos- Mãe Jocelina de Oxalá e Archanja Brito - Mãe Pastora de Iemanjá Ogunté, ambas iniciadas pelo Babalorixá Procópio de Ogunjá comandaram unidas o Maroketu, até o falecimento de Mãe Jocelina. A partir deste período o Maroketu passou a ser dirigido por Mãe Pastora. Pai Nezinho já havia falecido bem antes.

Além do desempenho das funções religiosas, Mãe Pastora foi guardiã da história e memória do Terreiro. Após a morte de Mãe Pastora, as orientações espirituais e a condução dos rituais internos do Ilê Axé Maroketu vêm sendo cumpridos pela Yalorixá **Cecília do Maroketu**, consagrada ao orixá Obaluaê, neta consangüínea de “Cecilia do Bonocô”, filha biológica de Mãe Pastora de Iemanjá.

Yá Cecilia do Maroketu por sua vez foi iniciada pelo Babalorixá Manoel Cerqueira de Amorim, conhecido por Nezinho do Portão da Muritiba, fundador do Ibecê Alaketu, na cidade de Muritiba, no Recôncavo baiano e por Mãe Jocelina de Oxalá. Herdeira da tradição Maroketu, ao assumir teve na figura do Babalorixá Air José Bamboxê a representação e a confluência das tradições ketu-Jeje na entrega no Decá.⁷

De acordo com as normas de comportamento e participação social⁸, o Terreiro Ilê Axé Maroketu estabelece alguns princípios básicos, em termos de respeito à hierarquia, no caso a Yalorixá, e comportamento dos filhos de santo. Nesse trabalho destacaremos os que podem reverberar na prática educativa, da escola. Sobre o respeito à autoridade, no caso à yalorixá,

⁷ Informação extraída de documento elaborado pela Yalorixá do Maroketu afixado nas dependências do Terreiro Ilê Axé Maroketu;

⁸ Informação extraída de documento elaborado pela Yalorixá do Maroketu afixado nas dependências do Terreiro Ilê Axé Maroketu;

destacamos as seguintes passagens: a) “Os filhos de santo devem cuidar e proteger a Yalorixá”; b) “Ser gentil e delicado com aqueles que conhecem a Yalorixá de longa data e que são mais próximas do convívio cotidiano”; c) “Qualquer tomada de decisão sobre a ritualística deve-se consultar a Yalorixá”. Destaca-se desses princípios a questão do respeito e do cuidado com a autoridade da casa, a Yalorixá. As relações entre a Yalorixá e os filhos de santo têm como base o seu reconhecimento como uma autoridade, do campo religioso.

No caso do trabalho como professoras da universidade, respeitando as diferenças entre as duas estruturas, a religiosa e a acadêmica, e pontuando aqui que a aproximação entre as duas esferas, é fruto da nossa condição de praticantes da religião de matriz africana e professoras, valorizamos o respeito ao professor como uma autoridade que possui “capital escolar” e, portanto, possui autoridade pedagógica e epistemológica, para falar pelo campo, no caso, o campo acadêmico. Essa autoridade, também, tem um caráter “iniciático”, ou seja, envolve um processo de escolarização, com o propósito de inserir os estudantes na cultura acadêmica e profissional.

Essa passagem nos faz pensar o currículo tipo coleção, mais classificado, cujo poder decide o conteúdo e a forma de transmiti-lo, os objetivos, o tipo de linguagem, sendo, portanto, o controle. (BERNSTEIN, 1996).

Sobre o comportamento dos filhos de santo, durante os rituais, destacamos: a) “Cuidar dos pertences pessoais e manter o Terreiro arrumado e limpo”; b) “Evitar barulho”; c) “Assumir postura de seriedade em rituais públicos ou não”; d) “Ser pontual, nas atividades ritualísticas”; e) “Obedecer as regras da casa”. O cuidado com os pertences, a seriedade e o silêncio, durante o ritual de aula, bem como a pontualidade, nos faz ponderar e, novamente, reafirmamos que é a nossa condição que o faz, que são comportamentos pedagógicos exigidos em uma estrutura curricular que demarca o papel do transmissor e do adquirente, numa prática pedagógica “condutora, transportadora cultural da distribuição de poder” (BERNSTEIN, 1996, p.108). Para o autor, a prática pedagógica, como conteúdo específico, é dispositivo que reproduz e produz cultura e nesse aspecto, é importante considerar a distinção entre o que é transportado e como é transportando. O que sustenta a reprodução e produção cultural é a relação pedagógica, entre transmissores e adquirentes, que é sempre assimétrica. Tais aspectos são pertinentes a prática pedagógica tradicional (conservadora), ou seja, **as regras hierárquicas** são explícitas, a relação pedagógica é de subordinação, as relações de poder são muito claras; **as regras de seqüenciamento** são explicitadas na listagem de conteúdos, regras de comportamento, prêmio/castigo; **as regras criteriosais** se preocupam em mostrar a criança o que falta para que o seu trabalho se aproxime do modelo proposto, preocupa-se com o produto, enfatizam transmissão-desempenho. (BERNSTEIN, 1996, grifo nosso).

O QUE DIZEM AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NO TERREIRO ILÊ AXÉ MAROKETU E SUAS REVERBERAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA

Diferentes motivações podem nos levar a procurar à religião, no caso da nossa entrevistada o primeiro contato com o Terreiro Maroketu não se deu via religiosidade:

Eu já conhecia o Maroketu, pois fui colega de Universidade da atual “Yalorixá”, além de ter trabalho na sua pesquisa de mestrado. Então eu vinha aqui no Maroketu fazer as pesquisas, ia ao arquivo, na Santa Casa da Misericórdia, e voltava pra cá. Compilava os dados, mas não tinha intenção de ser do candomblé e nem passava na minha cabeça ser do Maroketu, até mesmo os convites para as festas públicas que recebia, eu nunca aceitava. (Professora entrevistada)

Interesses outros levaram a entrevistada a aproximar-se da religião e nesse aproximar-se começa a querer usufruir da religião sem maiores compromissos, *Então eu queria tomar meus banhos de folha, mas não queria me envolver com o candomblé.*⁹ (Professora entrevistada). É importante ressaltar que

[...] os deuses africanos apropriados pelas metrópoles da América do Sul não são mais deuses da tribo, impostos aos que nela nascem. Eles são deuses numa civilização em que os indivíduos são livres para escolhê-los ou não, continuar fielmente nos seus cultos ou simplesmente abandoná-los. (PRANDI, 1997,s/p)

Dessas passagens aproximativas surge a inserção na religião de forma volitiva:

Então passei no mestrado, e no início do mestrado tive que fazer uma cirurgia de emergência e a partir disso, as coisas começaram a apertar espiritualmente. Eu conversava com minha mãe, ela falava da obrigação e eu dizia: quando terminar o mestrado De janeiro a março, foram meses cruciais em minha vida, eu nunca vi tanta dificuldade, eu não entendia. Um dia eu disse assim: Vou fazer o santo, vou fazer minha obrigação, minha iniciação. E eu aí eu passei a pensar onde eu ia arranjar dinheiro para fazer a obrigação, já que eu não tinha condições. No momento que eu decidi que foi uma coisa que veio de dentro, as coisas começaram a fluir. O dinheiro começou a aparecer, as pessoas me ligavam falando de uma aula que eu tinha dado em tal lugar, e eu sem acreditar. Então eu fiz minha obrigação no mês de abril. (Professora entrevistada)

De acordo com Prandi,

como parte da iniciação, a noviça permanece em reclusão no terreiro por um número em torno de 21 dias. Na fase final da reclusão, uma representação material do orixá do iniciado (assentamento ou ibá-orixá) é lavada com um preparado de folhas sagradas trituradas (amassi). A cabeça da noviça é raspada e pintada, assim preparada para receber o orixá no curso do sacrifício então oferecido (orô). [...] Durante a etapa das cerimônias iniciáticas em que a noviça é apresentada pela primeira vez à comunidade, seu orixá grita seu nome, fazendo-se assim reconhecer por todos, completando-se a iniciação como iaô (iniciada jovem que "recebe" orixá). O orixá está pronto para ser festejado e para isso é vestido e paramentado, e levado para junto dos atabaques, para dançar, dançar e dançar. (PRANDI, 1997, s/p)

Ao se inserir no espaço de religião de matriz africana e engajar-se no processo de construção de identidade religiosa afro-brasileira, o indivíduo passa a receber um novo modelo de educação, a não formal, que permite uma nova interpretação do mundo, a partir dos sentidos que atribui a sua vida, nesse novo contexto.

O candomblé se constitui como um espaço de ensinamentos e transmissão de valores morais e éticos aos indivíduos que se iniciam na religião

o aprendizado é produto da vivência e de um processo iniciático que se concretiza através da transmissão oral do saber. [...] Aprender a

⁹ Optei por colocar a fala da entrevistada em itálico, no parágrafo, para diferenciar de citações dos teóricos.

cantar corretamente dançar bem e pronunciar com precisão as diferentes saudações dirigidas aos mais velhos e aos orixás é o trabalho a que se submetem os que pretendem conhecer e vivenciar a religião dos deuses africanos. (BARROS, 2001, p. 96)

A educação no candomblé envolve uma intencionalidade, a consciência que é sempre

[...] consciência de alguma coisa. As formas de consciência são vinculadas ao conteúdo de experiências. A experiência é a atenção 'voltada' para os objetos, sejam estes reais ou imaginários, materiais ou ideais; e todos esses objetos são 'intencionados'. (SCHULTZ, 2012, p.16)

Nesse processo o indivíduo passa a experimentar situações diversas e, desse modo, cada experiência é individual e ao mesmo tempo vivida coletivamente e intersubjetivamente.

[...] O mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos, com sua estrutura particular de significados, de formas institucionalizadas de organização social [...] (SCHULTZ, 2012, p. 92)

É a partir da relação do homem com o mundo exterior e por meio de uma redução fenomenológica (suspensão da crença) que podemos extrair as unidades de sentido ou significados que o homem atribui às experiências que mantém no mundo.

O indivíduo no candomblé aprende e ressignifica os aprendizados de outros espaços. No caso da professora da educação básica, quando entrou no Candomblé: [...] *já sabia algumas coisas que tinha aprendido com minha mãe biológica, como cozinhar, pois eu era a mais velha então sabia cortar quiabo e tratar galinha. Eu não sabia as técnicas e rituais dentro do candomblé, mas já tinha noção de algumas coisas.* (Professora entrevistada)

Ao vivenciar o candomblé, o indivíduo adquire princípios educativos que podem reverberar em sua prática educativa, na escola, por exemplo:

Primeiro, a paciência e a observação. Eu tenho aprendido muito, pois eu sou uma pessoa muito dispersa, então você passa a interpretar as pessoas, ler gestos, e aprende a falar pouco. [...] **aprendi a ouvir mais e esse é um dos grandes exercícios do candomblé.** Muitas vezes, por exemplo, as pessoas falam algo com a mãe de santo e ela responde apenas um "tá". Pra quem não é do candomblé isso pode soar como desinteresse, e aí você vai pra casa refletir e pensa se falou algo que não devia. É preciso observar e ver **como as pessoas procedem: bom dia, boa tarde, com licença!** Então é um lugar de comunidade, com muita gente e se você não **mostrar educação doméstica, compreensão,** você se perde. (Professora entrevistada, grifo nosso)

Destaca-se dessa fala alguns princípios educativos que, também, perpassam a prática educativa escolar: paciência, observação, aprender a ouvir, a cordialidade, o acolhimento e a compreensão. Tais princípios que chamo aqui de valores éticos perpassam as dimensões da ação e das relações interpessoais no cotidiano escolar.

A prática educativa no Maroketu é você ressignificar os seus aprendizados, tentar fazer e refazer o melhor possível. o que você já aprendeu; construir ou até mesmo desconstruir alguma coisa que você não acha que esteja adequado. É você estar o tempo todo

utilizando a memória. No geral, pedagogicamente o que eu penso que seja a prática educacional é o seu fazer e o refazer profissional, você se auto-- analisar, se autoavaliar e resignificar a sua prática pedagógica tanto no seu espaço de trabalho quanto no Candomblé. (Professora entrevistada)

Nessa passagem a entrevista afirma as esferas, religiosa e escolar, têm princípios que são comuns: autoavaliação se ressignificação e que, portanto, há possibilidades de reverberação da prática educativa no candomblé na prática escolar. A diferença está no fato de que

[...] no candomblé não tem um manual, você não vai pegar um livro que vai dizer hoje você vai fazer isso. Existem algumas regras na casa. Você chegou, tomou seu banho, saudou seu orixá, saudou sua mãe de santo, saudou os mais velhos, você vai ver o que é que tem para fazer. Seu desconfiômetro vai ter que funcionar. Se alguém precisa de você vai mandar lhe chamar. O primeiro lugar do candomblé é a cozinha, você chega lava prato, vê o que está se fazendo ali, vai catar os cereais, catar o camarão. Em algum momento a mãe de santo vai mandar você mexer alguma panela e você vai indo, até o dia que ela chega para você e diz: faça! E você pensa: como eu vou fazer? Então você vem observando durante um tempo. (Professora entrevistada)

No espaço escolar a titulação é um bem social e cultural que situa os profissionais em seu campo profissional, relações de poder e interesses são estabelecidas em função desses bens. No candomblé, segundo a entrevistada,

Por exemplo, quando eu vim pra cá, eu já tinha o curso de licenciatura plena, já estava no mestrado e um dia minha mãe de santo disse assim: "Olha, quando a gente entra aqui **deixamos o título atrás da porta**". Então tinha que fazer de tudo, da cozinha ao barracão. Eu recebi logo uma vassoura e fui varrer a casa. . (Professora entrevistada)

Existe relação de poder, também, no candomblé, conforme pontuamos a hierarquia nesse contexto que é exemplar e deve ser respeitada. O estabelecimento do lugar dos adeptos tem como base o ritual e a iniciação.

Por exemplo, você não via chegar numa casa de candomblé, mesmo sendo da casa, adentrando de qualquer jeito, pois lá é um espaço que **exige silêncio**, porque é um lugar para recompor às suas energias, se recompor espiritualmente, e, também, um lugar para meditação. **No candomblé você canta, conversa, sorri, dança, faz samba, chora, mas tudo tem o seu momento.** A mãe de santo não lhe dá um caderninho dizendo o que se deve fazer, você vai observando e dentro da prática você vai percebendo como funciona, quem fica lá na frente já que existe toda uma hierarquia. Você aprende com a pedagogia do causos, do que aconteceu em tal lugar e que não se deve acontecer, mas não é uma coisa que você vai levar da sua casa para contar na casa do outro, e nem ao contrário. (Professora entrevistada)

Aprende-se na prática educativa do Maroketu que existe momento para cada ação. O mesmo pode-se afirmar sobre a organização da ação educativa no cotidiano escolar, embora os objetivos das ações educativas sejam de natureza diferente.

A experiência educativa, no espaço religioso ou na escola, “[...] Em um dado momento [...] ascende, e logo em seguida desvanece. Enquanto novas experiências surgem a partir do que era antigo, e então dá lugar a algo ainda mais novo” (SCHULTZ, 2012, p.74). A experiência é movimento, no fluxo da vida e entendemos que mesmo sendo a prática educativa escolar um ato intencional e modelar, os professores vivem no “fluxo da vida” que aqui denominamos de cotidiano e que somente param para refletir sobre essas experiências, quando são tencionados a fazê-los e nesse momento, “suspendem” o seu fluxo, para nos apresentar suas experiências significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizarmos a entrevista tivemos acesso aos sentidos que a professora da educação básica, por meio da memória, atribui as suas experiências vividas no cotidiano do candomblé. O estudo, não somente assegurou teórico metodologicamente a pesquisa com base na fenomenologia das relações sociais, como apontou para aspectos da educação recebida no candomblé que podem reverberar na prática educativa escolar. O que reforça o princípio metodológico de que a conduta dos sujeitos se torna uma conduta investida de significados, baseada em estoques de conhecimento que lhe servem como esquema interpretativo do mundo e que podem adquirir o caráter de conhecimento prático, que põe o sujeito no mundo e o faz projetar-se nele. É, enfim, o comportamento como experiência de uma consciência investida de significado. Ao lado disso, o estudo aqui apresentado tem um aspecto historiográfico porque registra acontecimentos que compõem a história do candomblé na Bahia, via sentidos da experiência da professora sobre percepções de funcionamento da casa, em termos educativo-formativos.

REFERÊNCIAS

PESSOA DE BARROS, J. F. Xangô - a História que a escola ainda não contou. In: VALLA, Victor Vincent. (Org.). *Religião e Cultura Popular*. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, v. 1, p. 91-111.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNSTEIN, Basil. *Classe social e prática pedagógica*. Petrópolis, 1996.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 03 de agosto de 2016.

SCHULTZ, A. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Edição e organização Helmut T.R. Wagner. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. p. 3-21.

PRANDI, Reginaldo. Deuses africanos no Brasil. In: PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé*. São Paulo, São Paulo, Hucitec, 1997, p. 1-50. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/her-axe1.htm>.> Acesso em: 3 de agosto de 2016 .